



A DISCIPLINA VOLEIBOL NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PROPOSTA DE CONTEÚDO E AVALIAÇÃO

João Crisóstomo. M. Bojikian
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: O papel da disciplina Voleibol desenvolvida nos cursos de licenciatura de Educação Física é o objeto deste estudo. Revisão literária e experiências próprias conduzem a sugestões para um posicionamento adequado da disciplina dentro da grade curricular de um curso de formação de professores. O estudo sugere que a disciplina Voleibol seja forjada como uma ferramenta operacional do educador, como resultado de um processo horizontal multidisciplinar, mas também de caráter vertical transdisciplinar, de forma a atender às expectativas dos projetos pessoais dos graduandos e coletivos da sociedade.

Palavras-chave: Licenciatura; Educação; Currículo; Multidisciplinar; Formação profissional; Voleibol.

VOLLEY DISCIPLINE IN THE PHYSICAL EDUCATION'S: A PROPOSAL OF CONTENT AND EVALUATION

Abstract: The aim of this study is the role of discipline Volleyball at the Physical Education licenciatura courses. Literature review and own experiences lead to suggestions of a suitable positioning of this discipline in the curriculum of a teachers formation course.

This study suggests that Volleyball discipline should be conceived as an operational tool to the teacher, as a result of a horizontal multidisciplinary process, but also with a vertical transdisciplinary character, in order to attend the undergraduates personal projects and the society expectations.

Keywords: Graduation; Education; Curriculum; Multidisciplinary; Professional formation; Volleyball.

I. INTRODUÇÃO

A disciplina Voleibol é desenvolvida, se não na totalidade dos cursos de licenciatura em Educação Física brasileiros, na sua grande maioria, e muito se questiona sobre qual é o seu verdadeiro papel, quais devem ser seus objetivos, que tipo de enfoque deve ser dado, qual a melhor metodologia para seus possíveis conteúdos programáticos, o que e como avaliar o desempenho dos graduandos.

Para que se possam estudar objetivamente essas questões não cabe, aqui, entrar em velhas discussões sobre se essa disciplina é pertinente ou não a um curso de licenciatura em Educação Física, ou se o voleibol faz parte de nossa cultura. É fato que a disciplina faz parte dos nossos cursos de formação de professores, talvez em função da sua popularidade advinda da constante exposição por parte da mídia, talvez por ser uma prática que contribua para a formação motora dos indivíduos. O fato é que o voleibol brasileiro é o melhor do mundo e, como tal, desperta interesse para a sua prática, coisa que já faz parte da nossa cultura.

Baseando-se em experiência própria e na literatura, pretende-se discutir, neste artigo, de que forma voleibol, em parceria com as demais disciplinas da grade curricular, pode contribuir na formação do futuro professor de Educação Física e de que forma utilizá-lo como ferramenta da educação.

Cabe, ainda, ser dito, em concordância com Bojikian (2002), que este estudo parte, inicialmente, da afirmação de que o voleibol deve ser ensinado nos estabelecimentos de ensino fundamental somente a partir das 5^{as} e 6^{as} séries (crianças de 11 anos em diante), para que se evite o desenvolvimento motor unilateral precoce. Esclarece-se, objetivamente, que o curso de licenciatura prepara professores. Verenguer (1997) observa “que o licenciado é um especialista em educação escolarizada (e o licenciado em Educação Física deve ser um profundo conhecedor da função da escola e do papel da Educação Física dentro dela)”.

Faz-se necessário, ainda, dizer que, no transcorrer deste trabalho, denomina-se a disciplina como Voleibol, apesar dos diferentes nomes que ela recebe em vários estabelecimentos de ensino. Denominações como Voleibol, Teoria e Prática do Voleibol, Teoria e Prática dos Esportes: Voleibol, Teoria, Prática e Metodologia do Voleibol etc., na verdade, se referem ao estudo da modalidade, como forma de dar mais uma ferramenta de trabalho ao professor de Educação Física.

2. OS OBJETIVOS DA DISCIPLINA VOLEIBOL

Ao se determinarem, nos planos de ensino, os objetivos gerais da disciplina, são colocadas as preocupações relacionadas com o voleibol como instrumento da Educação Física, e esta, por sua vez, voltada para a Educação. Ficam, portanto, para os objetivos específicos os estudos das habilidades motoras, a sua aprendizagem, as montagens e a condução de equipes de porte colegial, que implicam os estudos dos diferentes tópicos táticos. As regras básicas do jogo, bem como noções de arbitragens, também, devem ser citadas neste segundo tipo de objetivos.

Para que a dimensão real do objetivo geral, anteriormente traçado, venha a ser atingida, enfatiza-se que o profissional que vai atuar numa escola tem de estar preparado para ter uma atuação de caráter sociopolítico. Para que esse compromisso fique mais evidente, recorre-se às afirmações de Ferrandis Flores (1988, citado por JORDAN e MADRONA, 1999, p. 23):

Entende-se a educação obrigatória como um tronco comum de conhecimentos e aprendizagem que deve ter adquirido e desenvolvido a totalidade dos habitantes do país. De acordo com esta compreensão, os conteúdos não podem ser propedêuticos, ou seja, seletivos, mas resultar na elevação da cultura mínima do país.

Portanto, a Educação Física, com suas disciplinas, quando preocupada em contribuir com o processo educativo da nossa população, não pode ter como objeto único de preocupação a melhoria do desempenho corporal. Torna-se necessário que as atividades organizadas por ela agreguem valores tais como: solidariedade, socialização, companheirismo, comprometimento, determinação, respeito ao próximo, honestidade, honra etc. Machado (2000) considera fundamentais, para a elaboração de projetos educacionais, a explicitação de cidadania, profissionalismo, tolerância, integridade, equilíbrio e personalidade.

Mas as atividades somente se ajustam à dimensão da Escola atual, citada por Jordan e Madrona (1999), se, além da promoção desses valores, contribuirão para a diminuição das diferenças de conhecimentos e condutas das crianças, adquiridas na vida paralela ou anterior à escola. Para ele, o professor deve estar preparado para trabalhar em grupo, de forma interdisciplinar, fazendo que a motricidade de seus alunos esteja a serviço do conjunto de projetos educacionais da Escola.

Neste primeiro momento torna-se claro que a disciplina voleibol deve formar professores que saibam extrair das características inerentes ao voleibol situações e estratégias que colaborem com o processo educativo. O jogo coletivo e a não retenção da bola, que provocam uma interdependência entre os praticantes, são aspectos importantes para alcançar esse objetivo. Porém a contribuição maior vem pelo fato de o jogo

ser situacional (BOJIKIAN, 2003), o que requer constante raciocínio, antecipação e tomadas de decisão por parte dos praticantes. Tomar decisões envolve espírito crítico e avaliador.

Quanto aos objetivos específicos, um delineamento claro do nível do voleibol praticado por escolares define as suas respectivas abrangências. As habilidades motoras (fundamentos) devem ser estudadas em suas formas básicas e simples de utilização, assim como os diferentes tópicos táticos. Não é necessário que se estudem, por exemplo, as passadas cruzadas para o deslocamento dos bloqueadores centrais da seleção adulta masculina do Brasil ou a formação defensiva 3:1:2 da seleção feminina da Rússia. Quanto às regras, deve-se ater àquelas básicas, que mais comumente regulam a dinâmica do jogo, cujo conhecimento permite ao professor o ensino do jogo que é regulamentado por elas, e eventualmente venham a ser importantes para se arbitrar um joguinho de escolares. Será que é tão importante para um educador saber, de forma decorada, o diâmetro e a calibragem de uma bola oficial de voleibol?

Convém lembrar, no entanto, que todos esses conteúdos são estudados pelos graduandos, para que sejam transmitidos mais tarde, o que implica que uma possível linha metodológica sirva de encaminhamento para tal. Fácil é compreender que, ao se estudar o ensino do voleibol, automaticamente, se recorra a conteúdos mais característicos de outras disciplinas. Metodologia, Pedagogia, Aprendizagem Motoras, Crescimento e Desenvolvimento, Educação Física na Infância, Educação Física na Adolescência e Neurofisiologia são alguns exemplos.

Machado (2000) recorre à imagem, bastante interessante, de uma rede para explicar a interdisciplinaridade imprescindível em projetos educacionais. Essa metáfora é utilizada pelo autor para dar à estrutura curricular um caráter muito mais abrangente e simultâneo para a interdisciplinaridade do que o simples encadeamento linear no relacionamento das disciplinas. Para ele, a idéia da rede traz consigo os conceitos de *acentrismo*, *metamorfose* e *heterogeneidade*.

Acentrismo se refere à idéia de que nenhuma disciplina é mais importante que outra, dentro da grade curricular. Nossa atenção e focos momentâneos elegem o centro de interesses. A *metamorfose* implica ter em conta a constante possibilidade de mudanças nos conceitos e conhecimentos, o que dá ao conhecimento da história, inerente a cada assunto, uma ferramenta muito útil para a sua compreensão. Já a *heterogeneidade* mostra que os conceitos realmente relevantes em cada matéria curricular transbordam as fronteiras dela, tornando seus estudos interdependentes de outros, pertencentes também, ou mais diretamente, a outras disciplinas.

Transportando os ensinamentos de Machado (2000) para o estudo em questão, temos que a grade curricular de um curso de Educação Física funciona como uma rede e que cada uma das disciplinas é um de seus “nós”, o que implica dizer que o encaminhamento da metodologia, a ser implantada na disciplina voleibol, deve estar afinado com as disciplinas específicas dessa área. O mesmo se aplica aos estudos ligados à aprendizagem de habilidades motoras, crescimento e desenvolvimento, fisiologia do exercício, biomecânica, psicologia, sociologia etc.

O curso de voleibol não deve estar fechado em si mesmo, em detrimento da formação global objetivada pela grade curricular do curso de licenciatura. Isso equivale a dizer que, quando determinado conteúdo é abordado, na disciplina voleibol, ele traz automaticamente, mesmo que tacitamente, conhecimentos de outras áreas. É possível, por exemplo, tratar de aprendizagem das habilidades motoras do voleibol apenas de um modo disciplinar, mas isso à custa de um empobrecimento de seu significado.

3. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Uma disciplina de intervenção prática, por se constituir, no mais das vezes, em ferramenta concreta do professor de Educação Física, deve ser o resultado final de uma simbiose dos conteúdos programáticos, do conjunto curricular da faculdade que o forma.

Essa concepção implica que a elaboração do plano de ensino da disciplina voleibol no que diz respeito à determinação dos conteúdos e objetos de estudo deve ter, é claro, sua especificidade, mas envolvida em

interdisciplinaridade que garanta que a utilização profissional dessa atividade, por parte dos graduandos, venha a refletir a linha pedagógica de toda a instituição.

Para que se formem professores que realmente atuem como educadores, na forma colocada aqui, e que a disciplina possa tornar-se um espelho do professor que a instituição quer formar, todas as unidades temáticas devem ser desenvolvidas nas dimensões *conceituais*, *procedimentais* e *atitudinais* (JORDAN e MADRONA, 1999). Para os referidos autores, a conjugação das três dimensões possibilitará uma formação integral ao aluno, conferindo-lhe um caráter de professor pesquisador e que trará constante busca de melhoria de sua prática diária, além da investigação curricular. As mesmas dimensões levam aos recursos cognitivos, tão importantes para a atuação do professor, dizem Freire et al. (2002).

Os conteúdos programáticos devem estar, portanto, inseridos na busca da *competência técnica*, apresentada por Silva (1989, citado por PIROLO, 1997), como sendo uma instância que vai além das informações e conhecimentos instrumentais adquiridos, tornando-se uma atitude e exercício permanentes de atualização e busca.

Em virtude da tendência de cursos semestrais, e de os projetos curriculares das faculdades destinarem, na maioria das vezes, dois módulos para a disciplina Voleibol, o conteúdo programático pode ser distribuído da seguinte maneira:

3.1 PRIMEIRO MÓDULO (SEMESTRE)

Este primeiro momento de estudo, que é apresentado como uma disciplina denominada (na maioria das vezes) de Voleibol I, tem como objeto de estudo: a modalidade como atividade física e como instrumento da Educação Física, suas características, suas habilidades motoras e o processo de ensino delas.

Aproveito para sugerir a sua constituição com os seguintes conteúdos programáticos:

Unidade Temática I – O porquê do estudo do voleibol num curso de graduação. Este tópico, além de constituir uma pequena apresentação da disciplina e da modalidade, discute por quais formas o voleibol pode ser utilizado como instrumento da Educação Física e a vinculação desta com todo o processo educativo. É uma boa oportunidade para a visualização, por parte do graduando, de como o estudo de uma disciplina tão específica quanto o voleibol pode colaborar na formação de um professor de Educação Física, capacitado a trabalhar em grupo, que utilize a motricidade dos seus alunos a serviço de um projeto educativo comum com os demais professores e áreas da Escola, como preconizam Jordan e Madrona (1999).

Aspectos ligados às necessidades do mercado profissional, em função da popularidade crescente do voleibol em nosso país, são inevitáveis, pois, por mais que se queira evitar dizer, é importante que as faculdades de Educação Física capacitem os profissionais formados por elas, de maneira a torná-los competitivos no mercado de trabalho. Sobre o assunto, Massa (2002) afirma “que a Universidade deve estar atenta às mudanças e tendências do mercado de trabalho, para que os recursos humanos por ela formados tenham capacidade de nele atuar”.

Unidade Temática II – Regras básicas. Como já foi dito, neste estudo, a preocupação é fazer com que o acadêmico entre em contato com as regras fundamentais do jogo de voleibol. Elementos como número de praticantes, formato da partida em sets, forma de contagem, esquema de rodízio, número de toques permitidos a cada equipe, as faltas mais comuns etc. Deve-se ater apenas às regras “funcionais”, pois elas, por serem as básicas, permitem que o graduando, não acostumado com a prática do voleibol, possa entender a mecânica de funcionamento de sua disputa. Trata-se, também, de boa oportunidade para que sejam discutidas possíveis adaptações das regras a situações diferenciadas encontradas em colégios, bem como nas formas recreativas de utilização do voleibol.

Os tópicos da regra que tratam de assuntos muito específicos às competições oficiais, tais como: dimensões, especificidade de uniformes, substituições irregulares, punições disciplinares etc., podem e devem ter seus estudos postergados, aos interesses de possíveis cursos de especialização.

Unidade Temática III – Caracterização do voleibol como atividade física. O voleibol como atividade física deve ser estudado, pois, uma vez que os alunos identificam as predominâncias quanto a fornecimento de energia para tal, bem como as capacidades motoras mais necessárias para a prática de um esporte de situação (BOJIKIAN, 2003), eles discutem a adequação de sua prática em diferentes faixas etárias, momento em que conteúdos de várias disciplinas se relacionam e concorrem para conclusões finais, de utilização prática. Os conteúdos de disciplinas como Aprendizagem Motora, Fisiologia do Exercício, Crescimento e Desenvolvimento, Sociologia e Psicologia são muito utilizados nas discussões.

Unidade Temática IV – Histórico do voleibol. Um breve estudo do histórico do voleibol dá a oportunidade aos alunos de tomar ciência de como nasce uma atividade física voltada para determinados objetivos, como se deu no caso do “Mintonette”, criado por William Morgan como um jogo recreativo e sem contato físico, para que executivos norte-americanos do final do século XIX tivessem uma alternativa aos jogos, que, como o basquete, tantas lesões causavam naquela época (BOJIKIAN, 2003).

A expansão da nova modalidade pelo mundo, principalmente por meio das atividades da Associação Cristã de Moços, bem como pelas práticas dos soldados norte-americanos, durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial do século XX, permite o estudo de como contatos de costumes e conhecimento de países e civilizações diferentes podem mudar hábitos culturais.

O crescimento da popularidade e conseqüentemente do número de praticantes do voleibol no Brasil também permite a discussão dos aspectos culturais e das possibilidades de utilização dessa modalidade como estratégia da Educação Física.

Os aspectos culturais ligados à atividade física devem constituir a tônica do estudo do histórico, pois são muito mais pertinentes à formação de um educador do que um seqüenciar interminável de datas a serem decoradas.

Unidade Temática V – Aspectos metodológicos para a aprendizagem das habilidades motoras do voleibol. Trata-se de mais um momento de intersecção de conteúdos de várias disciplinas. É necessário que o aluno saiba o que é uma habilidade motora, tanto a geral como a específica, o que é aprendizagem e o comportamento esperado num ambiente escolar, ao término de um processo de ensino de uma habilidade motora, e mesmo de todas que se tem por propósito ensinar. Lança-se mão, também, de estudos de metodologias específicas para o ensino de habilidades motoras.

Outro objetivo dessa unidade é que fique claro que a razão de todo o processo de aprendizagem do voleibol na escola é ensinar o jogar, e que as habilidades motoras não são o fim buscado, mas instrumento para a sua consecução.

Unidade Temática VI – Estudo das habilidades motoras. São estudadas nesta unidade as técnicas do voleibol – posição de expectativa (básica), movimentação, toque de bola por cima, manchete, saque, cortada, bloqueio e defesa em pé – nas suas formas mais simples de aplicação. Devem ser realizados estudos teóricos e práticos num nível que permita aos futuros professores se sentirem seguros para ensinar, e, portanto, também corrigir, os seus alunos. A realidade tem mostrado que saque por cima, rolamento e mergulhos podem ser estudados em cursos de especialização. Concentra-se a atenção naquelas habilidades motoras que sejam fundamentais para a prática do voleibol, mesmo em dinâmicas extremamente simples de aplicação. Cabe aqui ressaltar que a razão de ser do estudo das diferentes habilidades motoras é a sua aplicação, pois um gesto motor somente justifica sua especificidade quando utilizado para a finalidade que motivou a sua criação.

Mais uma vez é importante ressaltar que a identificação das necessidades motoras para cada gesto implica o relacionamento de conteúdos de diversas disciplinas.

Unidade Temática VII – Planejamento da aprendizagem do voleibol. O planejamento tanto do processo (período) de aprendizagem, como de uma sessão, ou seja, uma aula de aprendizagem, é uma oportunidade rara para a interdisciplinaridade. Além disso, aspectos ligados às etapas de um planejamento trazem à discussão uma infinidade de conteúdos e situações, que muito podem contribuir para a formação de profissionais críticos e com capacitação para tomar decisões.

Planejar para as condições brasileiras de ensino requer não só a capacitação técnica, mas também reflexão e interação com cada realidade. Uma discussão sobre a contextualização da disciplina traz aos graduandos reflexões sobre muitos aspectos ligados à Educação.

3.2 SEGUNDO MÓDULO (SEMESTRE)

O segundo momento do estudo do voleibol, planejado também como uma disciplina semestral (Voleibol II), busca o estudo das formas de aplicações das habilidades motoras por meio de estruturas táticas extremamente simples, para emprego em aulas escolares que possibilitem, portanto, a armação de equipes colegiais. A condução de equipes e noções de arbitragens também merecem atenção.

Para que se atinjam esses propósitos, pode-se lançar mão do seguinte conjunto de conteúdos programáticos:

Unidade Temática I – Tática. As conceituações sobre táticas – coletivas e individuais – constituem oportunidades para reflexões sobre individualidades, responsabilidades, objetivos comuns. Compartilhar problemas e comprometer-se com a busca das soluções torna-se um bom exercício para futuros professores.

Unidade Temática II – Estudos dos diferentes tópicos táticos. Este conteúdo programático: *sistemas de jogo, formações para os sistemas de jogo, recepção de saque, proteção ao ataque, formações ofensivas e formações defensivas*, dá ao graduando, quando estudados em suas formas elementares de utilização, apenas com o intuito de organização mínima da prática do voleibol, a capacitação para a organização de equipes escolares. Aqui também se tem a oportunidade de trazer à discussão os valores comportamentais apontados na unidade temática anterior.

A análise das necessidades motoras de cada tópico tático e do emprego delas torna importante o envolvimento de conteúdos de outras disciplinas. O mesmo se dá quando o ensino dos diferentes tópicos táticos é estudado, pois há que se ter um encaminhamento metodológico para tal, em que a visão do todo, das partes e o relacionamento dessas últimas seja valorizado.

O desenvolvimento dessa unidade propicia a realização de muitos trabalhos em grupo, o que é tão necessário para a formação de futuros profissionais da Educação Física.

Unidade Temática III – Direção de equipes. Os conteúdos técnicos: pedidos de tempos, substituições, instruções etc., merecem ser acompanhados com discussões a respeito de formas de liderança, motivação e incentivo, respeito às individualidades e seus limites, busca do objetivo comum, pois são assuntos bastante pertinentes à condição de educador. São temas que clamam por interdisciplinaridade, propiciando, por exemplo, o educador lidar com o fenômeno da ansiedade a que os adolescentes ficam expostos ao praticarem atividades esportivas.

Unidade Temática IV – Organização de jogos. Para que seja dada mais consistência prática às necessidades de cotidiano do futuro professor, conteúdos relativos à organização de jogos – organização da quadra de jogo, noções elementares de arbitragem e preenchimento de súmulas – devem ser abordados.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

As formas metodológicas, para o desenvolvimento do conteúdo programático, devem estar comprometidas com o comportamento final esperado dos graduandos envolvidos no processo. Seguir as sugestões de Piroló (1997), que entende que “o aluno deverá ser levado à qualidade da dúvida metódica e análise crítica, que são características de uma formação voltada à independência e autonomia do sujeito”, parece indicar um encaminhamento pedagógico bastante razoável, para a formação de um professor de Educação Física capaz de utilizar o voleibol dentro da proposta aqui já levantada.

Tanto as aulas teóricas como as práticas devem estar atentas à busca do raciocínio, da dúvida, da investigação, do espírito crítico e da procura constante por soluções.

Cabe ser ressaltado que as aulas práticas da disciplina não devem ser encaradas como uma atividade clubística, na qual os alunos se envolvem em um “bate bola” recreativo, ou numa cópia de um treinamento de uma equipe de alto nível. As atividades nelas colocadas devem ser conteúdos programáticos estudados teoricamente, de forma que os alunos possam experimentar e vivenciar, para que ganhem mais conhecimento e segurança, para mais tarde transmiti-los.

O envolvimento dos conteúdos das intervenções práticas com os objetivos gerais da disciplina é de importância vital para que o voleibol se transforme num instrumento educacional. As estratégias devem ser discutidas e, sempre que possível, transportadas para as diferentes situações, que poderão ser encontradas no futuro exercício profissional dos graduandos.

As interações entre as intervenções práticas e teóricas devem ter como meta a obtenção da “aprendizagem significativa” sugerida por Jordan e Madrona (1999, p. 24):

[...] que é o que se refere ao grau de estruturação, clareza e relevância do próprio objeto da aprendizagem, o que se tem definido como significatividade lógica. Conhecimentos adquiridos de forma mecânica não resultam numa reestruturação dos já existentes, sendo assim, sua potencialidade para ser utilizados como plataforma para a realização de novas aprendizagens se vê muito prejudicada.

Arnold (1990), citado pelos mesmos autores, afirma que não se deve contentar com formar o indivíduo que é fisicamente capaz de fazer algo e demonstrá-lo, porém incapaz de dizer algo a título de descrição e compreensão, ou seja, sem consciência dos procedimentos que utilizou, mas buscar aquele capaz de realizar o que diz, que pode fazer e explicar como faz, dito de forma própria.

Na verdade, o que esses autores querem dizer é que o ensino de uma disciplina deve prever a formação de um professor não só intencionalmente capaz de executar com êxito algumas ações, como também apto a identificá-las e descrever como se realizaram. E dizem mais: “as aprendizagens em Educação Física adquirem seu pleno significado através de estilos de ensino que levem em consideração o contexto e a compreensão dos movimentos, e não a aprendizagem mecânica de gestos sem sentido” (JORDAN e MADRONA, 1999, p. 24).

Portanto, cabe dizer que as referidas aulas práticas não podem abordar apenas o vivenciar das habilidades motoras ou táticas do voleibol, mas também as atuações metodológicas e didáticas dos futuros professores. Eles precisam aprender a ensinar, e para tal o melhor caminho talvez seja o da prática da intervenção supervisionada. Lembrar que Candau e Lelis (1988, citado por PIROLO, 1997) afirmam que teoria e prática não são desvinculadas nem justapostas, mas sim uma unidade filosófica que designa os aspectos material e espiritual da atividade sócio-histórica dos homens, reforça a idéia de que os conteúdos das atividades teóricas ou de intervenção prática constituem faces da mesma moeda.

A vivência, nas aulas práticas, não deve objetivar a perfeição da execução técnica ou tática, mas ser suficiente para que o futuro professor possa reconhecer as mecânicas sinérgicas de execução, de maneira a facilitar futuras intervenções no que diz respeito ao ensino e correções.

Quanto às aulas teóricas, também a reflexão e o aguçamento do espírito crítico devem ser estimulados. Nas aulas expositivas – muitas vezes inevitáveis – é importante que o professor passe ensinamentos, mas de uma forma que leve o aluno a pensar, deduzir, descobrir, participar, numa estratégia que o torne um condutor de descobertas, e não num “poço de sabedoria” transmissor de conhecimento. Essa linha de atuação exige, por parte do mestre, uma formação muito mais abrangente do que aquela delimitada apenas pelos conteúdos específicos do voleibol. Constantemente os alunos levantam e necessitam conteúdos e soluções encontrados em atividades de outras disciplinas, o que exige por parte do professor não só um conhecimento multidisciplinar, mas um comprometimento com a linha pedagógica do curso como um todo.

Leituras de textos, discussões em grupos, confecção de trabalhos devem, sempre que possível, ter a preocupação com a abrangência que a formação de um educador merece. As escolhas dos temas e das bi-

bliografias também devem, como indica Pirolo (1997), ser alicerçadas na interdisciplinaridade, necessária para o sucesso das estratégias de ensino.

Por ser um curso profissionalizante, o curso de Educação Física deve dedicar aos estágios atenção especial. A possibilidade de observar atuações de profissionais já formados traz à formação do graduando uma dimensão muito adequada. A vivência prática, o contato com a realidade do magistério, a possibilidade de discussões entre a linha de fato empregada e aquelas estudadas na vida acadêmica diminuem a distância entre a teorização dos bancos das faculdades e a praticidade do cotidiano do ambiente de trabalho.

É importante não perder de vista que o graduando está sendo preparado para atuar dentro da realidade da estrutura educacional que se tem. O voleibol é ensinado em espaços irregulares, com poucas bolas e equipamentos parcos para grupos de alunos não previamente selecionados, como se faz em clubes. Nos estágios, os estudantes têm uma noção bastante realista da relação conhecimento e condições de trabalho, fazendo com que espírito crítico, tomadas de decisão e criatividade tenham papéis relevantes no desempenho profissional do professor de Educação Física, para que ele possa, além de ser desenvolvedor de conteúdos, ser um agente transformador.

Os estágios devem propiciar, também, oportunidades para que sejam observados jogos de voleibol disputados por colegas ou até mesmo aqueles oficiais, das categorias de base. Nessas ocasiões os graduandos podem presenciar atuações práticas de profissionais na condução de equipes. Tipos de liderança, adequação de relacionamento com adolescentes e atuações sob estresse podem ser observados e comparados com as informações recebidas nas diferentes disciplinas do curso de licenciatura. É um exercício de análise e crítica que muito contribui para a formação dos novos professores. É muito comum a maioria dos acadêmicos voltar muito entusiasmada após a realização de estágios. A impressão que fica é que o contato com a realidade da atuação encurta a distância entre o querer ser e o ser. A estratégia dos estágios tem se mostrado bastante incentivadora.

5. AVALIAÇÃO

Como todas as demais disciplinas, o voleibol também exige uma nota mínima para que o aluno seja aprovado. Isso muitas vezes traz, para o professor responsável, dúvidas sobre o que deve ser realmente avaliado e que peso deve ser dado para cada um dos quesitos envolvidos.

É certo, porém, que o sistema de avaliação escolhido pelo professor responsável deve atender ao objetivo principal da disciplina, que é o de tornar o graduando capacitado para utilizar o voleibol como instrumento da Educação Física, nos moldes aqui delimitados. Portanto, o retorno teórico esperado deve ser fixado pelo conhecimento específico sobre voleibol que é realmente necessário para atender àquela expectativa, moldurado pelas fundamentações metodológicas, cognitivas e comportamentais também inerentes a ele. Passa a ser vital, então, que se saibam as formas básicas de execução das habilidades motoras do voleibol, como ensiná-las, nas diversas condições apresentadas pela realidade do ensino brasileiro, de modo que o objetivo maior do ensino do voleibol seja atendido, que é o de jogar voleibol (mesmo em dinâmicas extremamente simples). A visão de que as habilidades motoras (as técnicas) são meros instrumentos para que se possa jogar o voleibol deve ser clara, para que não se tenha a obsessão pela execução perfeita do gesto.

Os tópicos táticos devem ser conhecidos em suas formas mais simples de estruturação, visando apenas e tão-somente a dar um caráter de organização ao emprego das habilidades motoras e para que o jogo coletivo tenha a chance de surgir.

As avaliações que verificam se os conteúdos foram apreendidos nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal requerem questões abrangentes, de reflexão na maioria das vezes interdisciplinar. Problemas com essas características devem ser muito mais valorizados do que as questões diretas, que requerem, para as suas resoluções, apenas a memorização.

A complexidade da avaliação realizada dentro da disciplina voleibol fica mais evidente quando, por exemplo, o enfoque é dado sobre os conteúdos atitudinais e se devem aferir as atitudes dos professores, as dos professores como alunos e a aquelas que os futuros professores deverão utilizar, ao trabalhar com seus alunos (crianças e adolescentes) nas aulas de voleibol.

Quando as proposições para avaliações são do tipo interdisciplinar, pode-se exigir do aluno a reflexão, as tomadas de decisões e as soluções para problemas do ensino que são tão vitais para a sua formação profissional. Situações que sugiram intervenções se mostram bastante interessantes.

Entretanto, as avaliações práticas têm se mostrado muito mais difíceis que as teóricas. Se, por um lado, a cada dia mais se firma a idéia de que se deve avaliar mais a capacitação para o ensino do voleibol, por outro, fica a dúvida do nível de solicitação na execução das habilidades motoras e seu emprego por meio das execuções dos diferentes tópicos táticos. Parece ser importante que o aluno demonstre ter a capacidade de realizar os movimentos propostos pela disciplina, de forma a se sentir seguro para, se necessário, demonstrar mesmo na forma de habilidade motora do tipo fechada. Além disso, é fundamental que ele saiba identificar e corrigir erros.

Em relação à capacidade de demonstração, por parte do professor, Tani (1996) reconhece sua importância, mas ressalta que sua eficácia é dependente do domínio teórico-científico sobre o assunto. Ele coloca a vivência motora como uma experiência enriquecedora, mas não determinante, o que nos leva a concluir que mesmo um deficiente físico, desde que formado em Educação Física, poderá ser um bom professor de voleibol.

O mesmo autor sugere que o professor de Educação Física, para ser capaz de transmitir habilidades, precisa transformá-las em algo objetivo (palavras), o que na prática significa a capacidade de transformar o conhecimento processual em conhecimento declarativo (ANDERSON, 1987, citado por TANI, 1996).

Os critérios de avaliação devem, portanto, valorizar mais a capacidade de ensinar o voleibol como uma estratégia da educação do que a prática dessa modalidade, atendendo, portanto, mais adequadamente às expectativas de um curso de formação de educadores. Em outras palavras: a competência a ser avaliada é de ensinar, e não de praticar voleibol.

Será que um graduando que não saiba realizar muito bem uma manchete ou uma cortada não poderá ser um bom professor de voleibol? Deveria ele ser reprovado e impedido de se tornar um educador?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar uma síntese das dimensões profissionais e acadêmicas da Educação Física no Brasil, Verenguer (1997) mostra que o curso de licenciatura da área deve abandonar o seu caráter técnico, deixando de lado a supervalorização da competição e do gesto estereotipado, passando a priorizar o conhecimento sobre a função da escola e da Educação Física dentro dela, o que coloca a necessidade de as disciplinas inseridas em sua grade curricular terem o mesmo enfoque.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, deve-se colocar a disciplina voleibol como integrante daquela Educação Física sugerida por Tani (1996), que “estuda academicamente os aspectos pedagógicos e profissionais a ela pertinentes através de pesquisa aplicada”.

Tani (1996) observa que, tradicionalmente, os currículos dos cursos de Educação Física são constituídos por blocos de disciplinas: as disciplinas de orientação acadêmica, as de orientação pedagógica, as de orientação às atividades.

O voleibol pertencente a esse último, e, na verdade, quando traduzido em estratégia operacional, por parte do educador, lança mão, como já dito, de seus conteúdos específicos, mas também é dependente de outros, que são objetos de estudos por disciplinas dos dois primeiros blocos. Uma formação calcada na integração dos conteúdos das disciplinas, de todos os blocos referidos, propiciará uma atuação educativa resultante de domínio dos conhecimentos, das habilidades e sensibilidades profissionais como indica Lawson (1984, citado por TANI, 1996).

Por fim cabe lembrar que Oliveira (1993, citado por MASSA, 2002) afirma que a Universidade é responsável pela formação do professor, que deve ter consciência da responsabilidade de cumprir com as expectativas da sociedade e da escola – para formar cidadãos –, o que implica que cada curso por ela organizado deve representar essa mesma tônica. As grades curriculares são montadas para atender a essas expectativas, de forma que o conjunto dos conteúdos das disciplinas e suas inter-relações levem ao profissional que se pretende formar.

A disciplina voleibol, por ser integrante do processo, tem creditado sobre si responsabilidades na formação de educadores. Quando ela é desenvolvida nos seus conteúdos específicos, solicita e sugere estudos, simultâneos, de outros conhecimentos, como vimos na comparação do currículo com uma rede, feita por Machado (2000), e na organização dele em três blocos distintos, mas não estanques, como sugere Tani (1996).

As responsabilidades da disciplina Voleibol, que são mais diretamente esperadas nas intervenções práticas, na verdade, são aquelas que refletem as expectativas que se têm do curso de licenciatura em Educação Física como um todo.

Na verdade, o currículo de um curso de licenciatura em Educação Física precisa estar em harmonia com as colocações de Machado (2000), pelas quais todo processo educacional deve permitir a consecução dos projetos pessoais e dos projetos coletivos. Portanto, a disciplina Voleibol, nele inserida, deve ter o caráter horizontal multidisciplinar, mas também o vertical transdisciplinar, de modo a atender aos anseios dos projetos pessoais de seus graduandos.

REFERÊNCIAS

- BOJIKIAN, J. C. M. *Ensinando voleibol*. São Paulo: Phorte, 2003. 183p., cap. IV.
- _____. Vôlei vs. Vôlei. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, n. 1, dez. 2002.
- FREIRE, E. S.; REIS, M. C. C.; VERENGUER, R. C. Educação Física: pensando a profissão e a preparação profissional. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 1 (1), p. 39-46, 2002.
- JORDAN, O. R. C.; MADRONA, P. G. Formação inicial do professor de educação física: estudo de caso da Escola de Magistério de Albacete, Espanha. *Revista Paulista de Educação Física*, 13 (1), p. 22-33, jan.-jul. 1999.
- MACHADO, N. J. *Educação: projetos e valores*. São Paulo: Escrituras, 2000.
- MASSA, M. Caracterização acadêmica e profissional da educação física. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 1 (1), p. 29-38, 2002.
- PIROLO, A. L. *A disciplina voleibol nos cursos de licenciatura em Educação Física do Paraná: processo de conhecimento crítico-reflexivo? Formação universitária em Educação Física*. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1997. p. 163-195.
- TANI, G. Vivências práticas no curso de graduação em Educação Física: necessidade, luxo ou perda de tempo? *Caderno Documentos – Departamento de Pedagogia do Movimento Humano da EEFUEUSP*, n. 2, p. 1-22, abr. 1996.
- VERENGUER, R. C. G. Dimensões profissionais e acadêmicas da Educação Física no Brasil: uma síntese das discussões. *Revista Paulista de Educação Física*, 11(2), p. 164-175, jul.-dez. 1997.

Contatos

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Faculdade de Educação Física
Av. Mackenzie, 905
Barueri – SP
06460-130
E-mail: jc_bojikian@hotmail.com

Tramitação

Recebido em agosto/2003
Aprovado em outubro/2003